

# Artes, Cultura e Comunicação: os novos paradigmas da repressão

António Branquinho Pequeno  
Artista Plástico, Professor Auxiliar Convidado na Universidade  
Lusófona de Humanidades e Tecnologias de Lisboa

## Resumo

Trata-se de pôr em evidência a mudança de estatuto dos modelos repressivos tradicionais nas Democracias, na Europa mais particularmente. O autor começa por passar em revista, em traços largos, as agressões e a castração de que foram vítimas a criatividade, os criadores e as suas produções culturais, a partir da segunda metade do séc. XIX e toma como ponto de referência as Artes plásticas, sobretudo a Pintura. Um percurso que vai do *Impressionismo* ao *Cubismo* e ao *Suprematismo* de Malevitch. Num segundo tempo, para além das Artes plásticas, procede-se à análise do modo como esse modelo repressivo tomou outros itinerários e contornos, se globalizou, a penalizar todo o tecido social, com novas formas de actuação, aparentemente não autoritárias. Esse modelo encontrou na Informação e na Mediocracia a sua via preferencial, sendo a Comunicação a nova moeda da economia global. É frisada aqui a implicação e a responsabilidade da Tv nos novos parâmetros da repressão. Um colonialismo cultural de um novo tipo, apoiado na sociedade do espectáculo, no *Infotainment* e no imperialismo da imagem, como também na deshierquização da Informação. Uma referência também à submissão à ditadura das audiências, um valor de mercado. Um mercado que agora agride a biosfera onde se englobam as actividades humanas. De rever pois as normas por ele impostas. Trata-se enfim de analisar, no registo das patologias da modernidade, em que medida o cibermercado e as novas utopias da simbiose entre o homem e a máquina perverteram, não só a comunicação entre os humanos, como também a comunicação entre eles e a natureza

## Abstract

The author writes about the changes operated in the traditional repressive models of democratic countries, mainly in Europe.

He then reviews the aggression and castration that creators and their production suffered in the second half of the 19<sup>th</sup> century, from Impressionism to Cubism. Besides the Arts, he shows the way the repressive model took another direction in different perspectives, globalized itself, penalizing now the whole social field, through new apparently non-authoritarian forms of acting.

This model gives priority to Information and media, the new value of global economy. The author points out to the implications and TV responsibility in these models, a new cultural colonialism supported by the showbiz society, by *Infotainment*, as well as in an information without hierarchy. The dominance of the TV ratings is evident. The norms that

market imposes must be reviewed. Finally, the author analyses, in the context of *modern pathologies*, how the cibermarket and the new symbiotic utopias between man and machine perverted not only communication among humans but also communication between them and nature

*“Ser artista é falbar como mais ninguém  
se atreve a falbar. Tentar outra vez,  
falbar outra vez. Falbar melhor”*

Samuel Beckett

A criação cultural, nomeadamente artística, não é um epifenómeno na História das mentalidades. A repressão a que tem sido sujeita no passado, a visar alvos identificados, bem o prova: artistas silenciados, condenados à prisão, ao exílio ou assassinados. Garcia Lorca foi trágico exemplo, entre tantos.

A afirmação dos valores criativos tem caminhado ao lado dos combates pela Liberdade. Mais ainda: as ditaduras políticas instalaram-se, não raramente, após terem sido desmantelados esses valores, o que por si só deveria constituir um sério alerta para o presente e o futuro. Um percurso, o da produção pictórica em particular, tem sido uma penosa caminhada. Para parafrasear Jean Dubuffet, o que melhor convém à criatividade não são as largas avenidas mas os caminhos dificilmente discerníveis que ela apenas pressente. Não as esplanadas onde ela asfixia mas para onde no entanto teimam empurrá-la.

Efectivamente, as largas avenidas são como os manuais onde o conhecimento evolui sem entraves, mas que não exprime nem pode mostrar o longo processo criativo nem os obstáculos que foi necessário vencer. O percurso da Arte, tal como o das Ciências, não foi nem é linear. Foi necessário ousar olhar de outro modo, sair dos modelos de percepção instalados, como o fizeram os Impressionistas na Pintura, passar a outro quadro de referência, saltar para um outro universo. Evidentemente, foi elevado o preço pago por essas ousadias. Na linha de pensamento de Thomas Kuhn, (1) em Arte, tal como no desenvolvimento científico, não há que recear dificuldades ou anomalias num sistema que já deu tudo o que tinha para dar. Há que substituí-lo por um outro paradigma. Substituição essa, não por acréscimo ao antigo, não na continuidade do velho modelo, mas decorrente de um processo contraditório e, como tal, povoado de maus sucessos e de bons fracassos.

O *“Déjeuner sur l’Herbe”* de Manet, provocou um motim, de tal modo eram intoleráveis, para a época, a mancha larga do artista francês, as cores ousadas, o estilo espontâneo, contrário

às regras académicas e à tradição. O Impressionismo foi penalizado pelas suas ousadias, ao dar uma maior importância ao contorno das coisas, ao contrariar o que imobiliza e define, ao privilegiar mais a matéria pictórica que a representação, ao considerar a visão do artista e a maneira de pintar mais decisivas que a coisa pintada. No primeiro Salão de 1859, foram desde logo afastadas pelo júri as obras de Manet e Millet. Pissaro e Sisley foram, também eles, proibidos nos Salões.

Cézanne, que já participara na primeira exposição dos Impressionistas franceses, e que veio a marcar decisivamente a história da Pintura, ficou amargamente confinado ao *“Salão dos Recusados”*, tendo-lhe sido impedido o acesso aos Salões oficiais de 1864 e 1870. Apenas em 1903 lhe foi permitido o acesso ao *Salão de Outono*, três anos antes de morrer.”

A colectiva de 1874, que reuniu Cézanne, Degas, Monet, Pissaro e Sisley foi um escândalo, provocou injúrias e sarcasmos.

Os Cubistas, mais tarde, viriam, por seu turno, a ser insultados pelo seu anti-academismo, desde as célebres *Meninas d’Avignon* de Picasso, no *Bateau Lavoir* em 1907. Que de Avignon não eram, pois que as meninas retratadas eram originárias de um bairro de Barcelona, de uma rua cujo nome catalão tinha afinidades consonânticas com Avignon.

Uma violência anti-cubista que atingiu o seu auge em 1912. Maus cidadãos, agentes anti-nacionais, assim foram apelidados os pintores cubistas pela imprensa francesa da época. Calúnias que foram politicamente exploradas, de seguida, durante a guerra de 1914-18, quando essa mesma imprensa escrevia *Kubismo*, com “K”, a insinuar cumplicidades entre o cubismo e os *boches*. Uma Arte acusada de anti-semitismo.

Mais tarde os alvos foram os Abstractos e os Surrealistas. Primeiro matam-se os homens para depois os honrarem. Tem sido assim ao longo da história. Da história política também. Os traidores de ontem são hoje heróis.

Nos Estados Unidos, em Nova York, a 16 de Abril de 1914, assistiu-se ao linchamento das efígies de Brancusi, o escultor romeno, e de Matisse, no dia do fecho da exposição em que ambos participavam. Com efeito a cor, instrumento privilegiado numa metamorfose pictórica (Cf. *Banhistas com tartaruga*, 1908), sufocada desde o Renascimento pelos imperativos do modelo e do sombreado, renascia com Matisse. Inaceitável, a nova mensagem cromática do mestre francês, aos olhos do júri e da Academia americana. Também em França Matisse sofreu durante longo tempo o desprezo pela sua obra, que vendia sobretudo para a Rússia e a Inglaterra. Ridicularizados foram ainda Derain e Vlaminck.

As considerações xenófobas eram uma constante. Nas colunas do quotidiano *Gil Blas*, pela pena de um crítico de serviço, escrevia-se que no *Salão de Outono* e nos *Independentes*, “os Muniqueuses, os Eslavos e os Guatemaltecos pululam, uma

pretalhada que coloniza Montrouge e Vaugirard”.

Inadmissíveis pois as cores puras desses artistas, a falta de classicismo do trabalho, a suposta ignorância da arte de desenhar. Inadmissíveis as representações não convencionais de naturezas mortas, a maneira diferente como eles analisavam a luz, o olhar não fotográfico sobre as coisas, tal como fez Delaunay. Insuportável, em suma, que esses artistas se aventurassem a decompor e a elaborar de outro modo a realidade exterior. A ousar uma outra visão, contra a acomodação e a rotina. Os dizeres do conselheiro Lampué, por ocasião desses *Salões de Outono*, são a este propósito, esclarecedores, numa carta que enviou ao Secretário de Estado francês para as Belas Artes, carta na qual se interrogava sobre o “*direito de alugar um monumento público a malfetores que se comportam no mundo das Artes como os Apaches na vida de todos os dias*”, e em que perguntava “*se alguma vez a natureza e a forma humana tinha sofrido tamanhos ultrajes*”. Lampué referia-se ainda nessa carta às fealdades e às vulgaridades expostas e comentava que a dignidade do Governo francês fora duramente atingida com tais feitos de arte, ao albergar semelhantes horrores no *Grand Palais*, um monumento nacional. Mais uma vez se voltou a falar, por esta ocasião, de manifestações anti-artísticas e anti-nacionais.

Voltemos à França do princípio do século. Em 1917, a 3 de Dezembro, a polícia francesa investe a *Galeria Berthe Weil*, 50 Rue Taitbout, em Paris, onde Modigliani expunha pela primeira vez. Isto na sequência de uma denúncia feita pelos pequeno-burgueses do bairro, que não suportavam o “atentado ao pudor” dos *Nus* apresentados pelo artista italiano. Isto passou-se três anos antes da sua morte, ocorrida em 1920.

Em 1922, a Arte abstracta é proibida na Rússia Soviética e, algum tempo depois, o *Suprematismo* de Malevitch, acusado de formalismo, é denunciado coma a expressão típica da arte da época do imperialismo e do industrialismo burguês. Uma espécie de arte degenerada, conceito que os nazis virão a manipular mais tarde com arrogância, como mostra a sabotagem e a destruição maciça da obra de Ernsr Barlach (1870-1938) nomeadamente os monumentais trabalhos de escultura em madeira. Será que Malevitch, após 1927, regressou a uma figuração “reaccionária”? Parece ter sido essa a leitura dos censores, porquanto o pintor russo acabou por ser expulso em 1929 do *Instituto Nacional da História das Artes*, com Staline no poder.

Proclamado o realismo socialista, a partir dos anos 34-36 a criação plástica estava destinada a exaltar os heróis e os temas da revolução, marginalizando a imaginação criadora. Denunciavam-se os Impressionistas, pede-se aos artistas que a Arte seja compreensível. Um realismo que não deixou de fazer obstáculo à criatividade revolucionária, prisioneiro que ficou numa concepção estética redutora. Que se separem no entanto as

águas quando se fala de nazismo e estalinismo em matéria de repressão. Se é certo que não devem ser banalizados os crimes estalinistas, a onipotência da Polícia secreta, os processos de Moscovo, o terror instaurado e o culto da personalidade, convém lembrar que não foi a União soviética que invadiu a Alemanha, mas sim o contrário. E houve Stalingrado, a grande resistência ao invasor e o elevadíssimo preço de mais de 20 milhões de soviéticos mortos até ao final da guerra, um número aliás difícil de contabilizar. Quanto à “solução final” para os judeus e à matança industrial de seres humanos, essa inominável patologia da modernidade, elas não foram uma invenção soviética mas sim nazi. Sem a União Soviética, a Europa teria aliás tido extrema dificuldade em se libertar da barbárie nazi. Por outro lado, o modelo em que assentava o regime estalinista nada tinha de comum com a ambição expansionista de uma Alemanha que pôs a Europa, e não só a Europa, a ferro e fogo e que pretendia escravizá-la para dominar o mercado mundial

### A Bauhaus

A criatividade alemã foi duramente reprimida bem antes de 1939. Uma referência deve aqui ser feita à escola alemã da “Bauhaus”, onde ensinaram Klee e Kandinsky, uma escola que marcou uma viragem na ideologia e na prática estéticas. Fundada em 1919 pelo arquitecto alemão Walter Gropius, em Weimar, o seu estatuto era polivalente. Mais arquitectónica que pictórica, ela reunia ateliês para trabalhar a madeira, o metal, a pedra, o vidro; incluía espaços para a litografia, a encadernação, a tipografia, a impressão.

Um dos objectivos que se propunha era o de romper com o ensino académico e o “profissionalismo” na Arte. Daí as acesas discussões entre professores e alunos. Anuladas também as fronteiras entre o artesão e o artista e instituídas capilaridades entre um e outro, em vista a um mútuo enriquecimento. Uma maneira também de valorizar o trabalho manual. A admissão na Escola era feita na base da apresentação de uma obra, não sendo exigido, à partida, nenhum diploma. Os alunos eram convidados a libertarem-se de todo e qualquer entrave à sua capacidade criadora. Oíçamos Gropius nalgumas passagens do programa de que foi o autor:

“...o objectivo final de toda a actividade plástica é a construção. Arquitectos, pintores, devem reaprender a formalização da construção no seu conjunto e nos seus elementos, - as antigas escolas não conseguiram realizar esta unidade, e como teriam podido fazê-lo se a Arte não é ensinável? - e devem voltar-se de novo para o ateliê... Não há arte profissional”.

A "Bauhaus" passou em 1927 para Nassau, cidade operária, por dificuldades materiais, acabando por ser desmantelada em 1933, em Berlim, no mesmo ano em que Hitler subiu ao poder. Vários pintores foram então exonerados das suas docências, nomeadamente Dix, Klee, Beckman, Baumeister, alguns forçados ao exílio. Em 1935 vociferava Hitler num dos seus discursos: *"É necessário que a Arte seja anunciadora do nobre e do belo, que seja a portadora do natural e do são"*. Para o Führer havia duas artes, uma factor de saúde, de reconstrução e de perenidade, a outra sinal de degenerescência. Juiz da arte degenerada, ele qualificou de criminosos os criadores da Arte moderna.

Milhares de livros foram queimados por ordem de Goebbels, o ministro da Propaganda. Ora, como dizia Heinrich Heine, *"onde se queimarem os livros, queimam-se os homens"*. O mesmo ministro da Propaganda decretou ainda a pilhagem e a purificação sistemática dos museus alemães, numa tentativa de pôr fim a uma arte que não exaltasse os valores arianos. Numa lista de mais de 100 pintores condenados figuravam Picasso, Klee e Max Ernst, os Expressionistas, os Abstractos (Kandinsky) e os Judeus (Chagall, Freundlich).

A guerra de anexação nazi não tinha ainda iniciado e já os valores estéticos e culturais alemães tinham sido profundamente atingidos. Antes da penetração das divisões alemãs e dos bombardeamentos, Goebbels sabia serem os valores estéticos e culturais alvos prioritários. A estratégia nazi incluía, à partida, a morte de uma criatividade alemã que desdenhava a exaltação do corpo bem como a exaltação do campo, de um ruralismo sadio.

A 20 de Março de 1939, no mesmo mês da invasão da Checoslováquia, cerca de 5000 obras de artistas, consideradas não negociáveis, foram queimadas, em Berlim, numa caserna de bombeiros, no coração do Reich e, alguns meses mais tarde, a 30 de Junho, eram leiloados em Lucerna, na Suíça, cerca de 1250 obras de arte provenientes dos museus alemães, em proveito da Alemanha nazi. Um leilão que os artistas no exílio tentaram boicotar.

A ameaça não fora escutada, porquanto o tema da "decadência cultural" figurava já, nos anos 20, no programa político da *"Mein Kampf"* de Hitler. O sacrifício dos valores artísticos e culturais alemães já aí estava anunciado e selado. Houve vítimas em todas as frentes, na Literatura, nas Ciências. Todo o pensamento crítico sofreu brutalidade e castração, paralelamente ao genocídio judeu.

Por ora, os livros não voltaram a ser queimados, os museus pilhados e a Arte excomungada nas Democracias do Ocidente europeu. Talvez não seja por enquanto necessário, pois que o estatuto da repressão mudou. Estão por ora adormecidos por cá, nos bastidores, alguns dos velhos modelos, tornados anacrónicos. A diplomacia de canhão tende a ceder à diplomacia

dos circuitos (Brzeninsky), embora o canhão não seja relíquia ou peça de museu. Basta pensar no Médio Oriente. A repressão atinge hoje, nas Democracias, diffusamente, todo o tecido social. O xadrez globalizou-se. Outras são as modalidades de actualização, sistemáticas e insidiosas, outros os actores, na era do imperialismo da imagem e da sociedade do espectáculo de que já falava Guy Debord. Não se trata tanto de alvejar pontualmente os criadores e a criatividade, mas de a desvitalizar nos seus alicerces. Por isso as estratégias de resistência também não podem ser as mesmas. Vejamos um pouco

Tomemos como analisante o panorama televisivo português nalgumas das suas programações, onde impera a promiscuidade, de Quim Barreiros a Herman José. São sistematicamente agredidos os valores culturais, estilo *Big Brother*, versão portuguesa e demais acorrentados. Impera a mediocridade, de Baião à *Quinta das celebridades*, dos *Morangos com açúcar* e *Floribella* a José Carlos Malato com as suas graçolas parolas e alvares.

Herman José, o "dono da corte" e imagem do país real, que deu visibilidade social à música pimba, entre outros mimos, tem-se regozijado ao longo dos anos a mutilar os valores mais elementares da cidadania e a achincalhar publicamente a mulher em emissões que contaram com a cumplicidade e a participação de responsáveis políticos e institucionais deste país, de diferentes horizontes políticos, os mesmos que nos bancos da Assembleia ousam depois falar de direitos humanos. Quanto a Quim Barreiros, que foi, curiosamente, figura top das festas académicas, basta recordar a sua interpretação no *"Volta minha vaca louca/Tenho saudades do teu bife"*, expressão gritante da zoomorfização da mulher portuguesa, da mulher "tout court" e que não motivou qualquer protesto significativo! Antes se acha graça! É certo que Maria Lamas morreu há muito e que Natália Correia também já foi a cremar... As facturas estão a ser pagas, a contabilizar no endémico défice cívico do país. Não deixa de ser quase caricato o esforço de alguns, nomeadamente docentes, em que me incluo, no sentido de elevar um pouco o nível, ao mesmo tempo que programações desse tipo colonizam o cidadão no dia a dia e praticam genocídio cultural. Parafraseando Heinrich Heine, poder-se-ia dizer que onde se acanalha a mulher, matam-se as mães e abrem-se covas para todos, mesmo sem cadáver. Nem epitáfio. Importa pois proceder à desmontagem e à desmistificação dos inconfessados agentes da fascização do tecido social.

### Informação e Imagem: novos estatutos

No mesmo registo deste novo tipo de agressão, a imagem impôs-se com toda a arrogância no espaço da Informação Um imperialismo redutor que afunila a percepção em vez de a



enriquecer A Informação dispensada pelos media não conduz necessariamente ao saber e ao conhecimento, tudo depende do modo como é gerida por quem a dispensa e pelos que a ela têm acesso. Há que saber colocar as boas questões. Alguma razão tem José Saramago com nestes dizeres ou ainda quando considera, em substância, que a Informação só nos torna mais sábios se nos faz aproximar dos homens e que é possível ter todos os dados ao nosso alcance e, ao mesmo tempo, ignorar o universo social, económico e político em que se vive.

A Informação disponível e dispensada pode conduzir hoje à derrota dos factos, à desorientação relativamente ao real, pela via do monopólio da digitalização. Toffler descreve a sociedade do computador como uma *"terceira vaga"*, a substituir os velhos paradigmas da sociedade industrial que sucedera à era agrícola.

A Informação hoje é fornecida em excesso, deshierarquizada. As Ideologias, por outro lado, cedem o lugar à virtualidade do espectáculo e da aparência, sem que isso seja directamente imposto por governos ou por qualquer sistema educativo autoritário. Para dizer melhor, a Ideologia mudou de rosto. Outras são as suas correias de transmissão. As tecnologias e o sector da Comunicação, nova moeda da Economia global, incorporaram-se nas estruturas de controlo e de domínio e ocupam hoje o papel central na economia dos Estados Unidos da América, com enormes concentrações de capital. Terá o poder quem melhor as souber gerir. Não esqueçamos que o desenvolvimento das Comunicações por satélite teve como objectivo marginalizar a Inglaterra do controlo da informação planetária e fazer obstáculo à hegemonia que ela detinha com os cabos submarinos.

Há hoje sistemas de comunicação perversos, assentes em suportes imateriais, em vias de realizar o que nenhum regime totalitário tinha até aqui conseguido com a Ideologia. Entrámos num sistema de adesão "natural" a realidade virtuais (B. Noël), porta aberta ao autismo social. O controlo cultural tomou outros caminhos.

Ora, é justamente neste registo que convém situar a nova postura da imagem, que não é mais a de apoio ou complemento do texto mas que invade o espaço da Informação. Uma imagem intransitiva, com empolamento da sua face *"significante"*, em prejuízo dos *"significados"*, o que a Publicidade não desmente. Como bem referiu Louis Quesnel, (2) *"a Pub evoca um mundo ideal, purificado de toda e qualquer tragédia, sem países sub-desenvolvidos, sem bomba nuclear, sem explosão demográfica e sem guerras. Um mundo inocente, optimista e paradisíaco"*. Uma Pub para além do verdadeiro e do falso, que Benetton levou ao seu extremo. Um universo de imagens, redutor. Imagens- caricatura, tal como recordo eram há tempos atrás oferecidas aos telespectadores nas *"Imagens Reais"* de Carlos Cruz ou de Artur Albarran na SIC. Programas-

ficção, pelo modo como o real era mostrado. A ficção não reside aqui numa qualquer irreabilidade, dado que se trata de eventos reais, mas no modo como esse real é tratado, isto é, manipulado, desenquadrado, mutilado. Quando a ficção se apresenta assim, como se de "realidade" se tratasse, abrem-se mais facilmente as portas à palavra do chefe.

O Informação televisiva é, por outro lado, cronofágica. Aposta na rapidez, na simplificação e na banalização de paisagens sem densidade própria, apressadamente. Factos e acontecimentos ficam desta feita sem peso específico. E sem voltar atrás, excepto quando a actualidade a isso obriga. A agonia do Tele-Jornal é outro corolário, perdido o "nobre" estatuto que era o seu. Ainda se sabe onde ele começa mas não onde acaba. Um "Jornal nacional" diluído no "fait divers" e no folclore local, com sequências informativas deshierarquizadas, a colocar eventos secundários e anedóticos ao lado de informação com relevo, a infantilizar o telespectador. Novas agressões, sem botas cardadas, "en douce". A vitimização da Cultura não é coisa do passado, está na ordem do dia, e da noite

Uma informação cada vez mais em função do mercado e das audiências, não raramente necrófila, com apetência pela cena violenta. Uma violência com a qual o público, as crianças em particular, acabam por se familiarizar. Ao mesmo tempo, são apresentados programas de reencontros de familiares, perdidos de vista, ou intervenções supostamente solidárias para com os injustiçados, os sem abrigo, os mais desprotegidos e vulneráveis. Falsas solidariedades. Felizmente que a Tv estava lá...e é isso que conta. Como que a substituir-se às instâncias responsáveis do poder político. "Dantes, a Tv estava nos locais porque o acontecimento era importante. Agora, o acontecimento é importante porque ela está presente". A hipocrisia reside ainda nas suas veleidades paternalistas (Instituições em crise, Sistema escolar, Justiça, etc.) quando procura refazer, nalguns dos seus programas, tipo Fátima Lopes, os laços sociais que essa mesma comunicação fragiliza no quotidiano. Caricatura democrática ainda, nos falsos debates tipo *Prós e Contras*, em que boa parte da *intelligentsia* nacional aceita participar, debates paramilitarizados e organizados sobretudo para dar visibilidade aos seus promotores... e participantes. Outros, de cunho marcadamente político, mais parecem uma conversa de compadres ou encontros de opereta. De má opereta. Basta ter vivido ou passeado algum tempo pelo estrangeiro para nos darmos conta do que é um debate minimamente arejado. A pseudocultura de diversão e de entretenimento integra-se neste mesmo registo de Utopia Global. Que se recorde, tempos idos, Carlos Cruz, na SIC, com *Febre do Dinheiro*, Maria Elisa na RTP com *Quem Quer ser Milionário*, Luísa Castel- Branco na TVI, com *Dinheiro à Vista*. Num país de penúria, a alimentar fantasmas milionários. Programas que se integram numa política cultural virtual de

mercadores de ilusão, com pretensão educativa.

### Produtivismo global

As novas valências da Comunicação inserem-se num campo mais vasto de produtivismo global, modelo Thomas Friedman. Uma visão na qual o mercado, cada vez mais, é quem governa, limitando-se os Governos a administrar. Ora, o mercado, entregue às suas próprias leis, não pode deixar de governar mal, em termos sociais em primeiro lugar, mas também em termos económicos, dado ele ser, por natureza, entregue a si próprio, um amplificador de desequilíbrios. As novas agriculturas que sacrificam a terra ao altar da industrialização são disso exemplo, o que José Bové tem denunciado com manifestações, por ocasião das reuniões da OMC (*Organização Mundial do Comércio*).

Que relação de forças passará a instaurar-se futuramente entre os nacionalismos e esta normalização cultural? Como conciliar a nova Ideologia da mercadoria e da informação — ela também mercadoria — com as identidades culturais?

O que os sistemas repressivos não conseguiram fazer na Europa nestas últimas décadas, está agora a ser implementado através das leis do dinheiro aliadas às forças da técnica, declarava em substância, pouco antes de falecer, o Presidente da República francês François Mitterand, por ocasião de um debate na OMC. Procurar pôr em evidência o modo como esse produtivismo procede ao desmantelamento cultural exige novas grelhas de leitura e outros paradigmas de reflexão crítica.

Nesta mesma linha produtivista, a questão ambiental cabe aqui ser levantada. Já lá vão cerca de vinte anos, demonstrava René Passet (3) estarem as actividades económicas incluídas, e não separadas, das actividades humanas, estas também englobadas na biosfera. O que tem como consequência, como bem frisou Jean-Paul Maréchal (4) que a actividade económica não sobrevive nem pode durar, muito menos desenvolver-se a longo prazo, se a natureza, também ela, for gravemente lesada. Essa mesma natureza que lhe fornece gratuitamente as fontes materiais e energéticas e cuja capacidade de absorção se julgava ilimitada. O bom senso levaria a supor que, nomeadamente em questões ambientais, a norma não deveria ser imposta pelo mercado, que agride a biosfera, mas sim fundada na lógica da reprodução do meio natural. Neste registo, há que rever a questão da relação que o homem ilusoriamente tece com a Natureza, como tem alertado aliás e posto em evidência Alfredo Margarido.

Henri Bartoli, por seu turno, tira outras conclusões quando refere ser impossível falar de racionalidade relativamente a acções económicas destrutivas de seres humanos e do ambiente, racionalidade que deveria passar pela integração de

saberes, tanto ecológicos como éticos. As alterações climático-ambientais não são uma fatalidade(5) Mesmo que alguma incerteza científica pudesse pairar sobre a relação poluição-alterações climáticas, o “*princípio de precaução*” deveria sempre prevalecer e consequentes medidas deveriam ser tomadas. “*Quando existe uma ameaça grave ou irreversível, a ausência total de certeza, no plano científico, não deveria ser utilizada para deixar para mais tarde as medidas de prevenção de degradação do ambiente*”... O medo — acrescenta o filósofo alemão Hans Jonas — (6) constitui, deste ponto de vista, a primeira obrigação preliminar duma ética de responsabilidade histórica”. O princípio de precaução deve pois prevalecer sobre a lógica do lucro.

Constata-se hoje que actividades económicas culturalmente perversas e predadoras romperam o equilíbrio homeostático da tríade Atmosfera/ Biosfera/ Oceanos, um facto que as políticas energéticas não poderão mais silenciar. Poderá parecer estranho incluir neste trabalho uma referência, curta que seja, à *Encefalopatia Espongiforme Bovina* (EBS), dita doença das vacas “loucas”. Não será tanto assim, se atentarmos ter esta crise ecológica — entendendo Ecologia a Ciência que estuda as relações dos seres vivos com o ambiente tomado a sua origem na violação dos laços ancestrais dos animais com a terra e o solo. A alimentação com farinhas animais perverteu e bloqueou os circuitos da comunicação biológica. Tal o aprendiz de feiticeiro, procedeu-se à transformação arbitrária, selvagem, de herbívoros ruminantes em carnívoros, cuja loucura apenas ilude e oculta a loucura dos seus promotores, os humanos. Uma agressão que desprezou e continua a desprezar os laços que governam o ser vivo. Mais uma vez, o mercado entregue a si próprio. A perversão da cadeia alimentar a que conduziu este modelo de exploração varreu as barreiras de segurança, sacrificada ao altar da rentabilização a qualquer preço. Trágica expressão da concorrência e da corrida ao lucro máximo e imediato. Um modelo economicista a apostar em ganhos de peso artificiais, em activadores de crescimento e na utilização imprópria de antibióticos, de imprevisíveis consequências para os animais e para a saúde humana.

Como conciliar esta lógica com os direitos do homem, do cidadão? O discurso político sobre Cultura e cidadania passam a ser um simples exercício de retórica, se estas questões de fundo continuarem a ser banalizadas. Corolário político, os Estados- Nação não estão mais em posição de controlar a sua economia, menos ainda os movimentos de capitais, num mercado planetário. Por isso, as multinacionais deveriam antes ser apelidadas paranacionais, transnacionais ou antinacionais. Com a globalização dos circuitos virtuais, a tendência é para um mercado único, à escala mundial, de Comunicação global, a percorrer toda a economia e a exigir uma circulação sem entraves. Não se vislumbra mais a linha fronteira entre o

local, o nacional e o transnacional, dado o anacronismo dos velhos paradigmas. Onde começam as singularidades e as identidades culturais diferenciadas? Até onde vai o universal? Assistimos à revisão de todas as fronteiras. Deste ponto de vista, o neologismo japonês da "Glocalização", um matrimónio linguístico entre o local e o global, traduz esta nova lógica de integração de espaços de concepção, de produção e de consumo. Um *Cibermercado* que tem a sua expressão nas novas utopias da simbiose entre o homem e a máquina.

### Tecnociência e Santo Genoma

As novas formas de agressividade passam também pelas Biotecnologias, apesar dos méritos que são os se. Basta pensar que, nas apertadas malhas da Cartografia genética, serão catalogadas as "predisposições" do indivíduo de que, naturalmente, se saberão aproveitar contratadores e seguradoras, através do acesso aos bancos de dados (7). O indivíduo "predisposto" a um comportamento anormal ou a uma doença pode ser submetido a um tratamento particular que o penaliza ou a uma discriminação, a partir do momento em que se crê haver um risco. A relação, porém, entre os traços genéticos e as manifestações efectivas, mal compreendidas pelos especialistas, não é automática mas aleatória, isto é, pode haver predisposição sem quaisquer manifestações ou sintomas que a actualizem ou validem. E como controlar a utilização desses bancos de dados? O resultado será, inevitavelmente, a discriminação e a penalização dos valores da Igualdade, da Justiça e da vida privada de cada um.

Os efeitos duma Cartografia sobre o funcionamento do sistema judiciário são de igual modo gravosos. Que dizer de uma predisposição para a delinquência? Não se fala no cromossoma do crime, para além de toda a especulação sobre o "Programa Lombroso" de Philip Kerr, nos Estados Unidos? Se admitíssemos que o criminoso apresenta um desvio geneticamente fundado na ADN, isso iria fazer deslizar a responsabilidade do Estado, da Sociedade e da Família para a cartografia molecular. Demasiado higiénico, à luz das Ciências Sociais. Interessante, no entanto, do ponto de vista da indústria farmacêutica.

Preocupante pois a tendência para confinar o indivíduo num conjunto de aglomerados físicos, mais ou menos elaborados. Neste sentido, a biologização é uma metafísica de morte cultural e social. Ela pode mesmo, a curto prazo, tomar contornos eugénicos, no sentido de aliviar as cargas sociais do Estado.

Malgrado todas as reservas, científicas e éticas, os genes parecem ser o oiro verde do séc. XXI. De acordo com James Watson, prémio Nobel e primeiro director do Programa americano de estudo sobre o genoma humano, temos o destino

marcado nos nossos genes. Naturalmente, há bons e maus destinos, como há bons e maus genes. Tal indivíduo é violento? Que se consultem os genes! Mulheres e homens também teriam, desta feita, fados diferentes? Estariam os homens geneticamente preparados para ser mais agressivos, inclusive mais dotados para as matemáticas que as mulheres?! Então falta às mulheres o gene da guerra?!...Uma das ilações seria a de evitar serem nomeadas para postos de direcção, para chefias militares ou de Polícia!...

Com pertinência considerou Jeremy Rifkin (8) ser o século da Biotecnologia a segunda grande revolução industrial e a grande mutação contemporânea assentar na interdependência entre Ciência, Economia, Genética e Electrónica. O "Pharming" já é, em matéria de interferências, um neologismo para designar o matrimónio das actividades agro-pecuárias com as farmacêuticas.

A perversidade de certas Tecnologias aliou-se à febre produtivista, apesar das boas intenções de alguns e a promessa idealista duma contenção e enquadramento legislativos. A racionalidade tecnológica global conduz a um Terror bem diferente daquele a que conduziu a racionalidade das Luzes no séc. XVIII francês. Praticam-se hoje intervenções sobre o património genético, sem que seja delimitada a questão de saber como deverão ser aplicados os resultados das pesquisas nesta matéria. Há a possibilidade técnica de modificar o mapa genético duma célula humana, quer através da introdução dum gene estrangeiro, quer pela modificação dum gene nela já presente. Deveria no entanto ser estabelecida com clareza a diferença entre uma terapia somática aplicada a uma célula do corpo doente e uma terapia germinal dirigida às células reprodutivas (espermatozóides, óvulos, jovens embriões).

Entrámos numa era tecnocientífica resistente a avaliações éticas, em corrida contra-relógio, também por isso suspeita. Isabelle Stengers e Judith Schlanger (9) colocaram à Ciência a questão do "porquê apressar-se", do porquê dessa corrida e alertaram para a crescente promiscuidade entre discurso científico e discurso político.

A doença e o doente tornaram-se, em todo este cenário, fonte de benefícios sem limite, o que leva a duvidar cada vez mais de certas virtudes científicas e contestar a arrogância de alguns peritos e investigadores, não mais acima de qualquer suspeita, dado o seu envolvimento nas opções políticas, económicas, industriais e militares dos seus empregadores, tanto no sector privado como no público.

O presente e o futuro próximos são motivo de preocupação. Face aos novos dismantelamentos éticos e culturais, há que proceder a uma desmontagem semiológica mais aturada destes mecanismos, de modo a equacionar novos parâmetros de reflexão.

Os valores humanistas continuam a não ser epifenómeno,

ontem como hoje. O imperialismo consumista, normalizado, aliado à robotização dos circuitos imateriais atinge já, na matriz, os fundamentos sociais da Cultura, agora confrontada com novos desafios. Mas atinge também os fundamentos da produção, do desenvolvimento económico sustentado e da riqueza, que essas novas opções cegamente parecem quererem comprometer.

Dezembro, 2006

#### Obras citadas:

- (1) Thomas Kuhn, "A estrutura das revoluções científicas" (1962), Afrontamento, Ed. port. Porto, 1994
- (2) Louis Quesnel, *Communication* n. 17, Paris 1971
- (3) René Passet, *L'économique et le Vivant*, Payot, Paris, 1979. Veja-se ainda : *L' emprise de la Finance-Les Nouveaux Maîtres du Monde*, Manière de voir n° 28, Paris, Nov. 1995 e *Potentialités perverses des Technologies*, in *Ravages de la Technoscience*, Manière de voir n. 38, Le Monde Diplomatique, Paris, 1988.
- (4) Jean-Paul Maréchal, *Le Prix du Risque*. Presses du CNRS, Paris, 1991, e ainda *Le Rationnel et le Raisonnable*, Presses Universitaires de Rennes, 1997
- (5) António Branquinho Pequeno, *Oceanos, Realidade e Imaginários*, Ed. autor, Lisboa, 1988.
- (6) Hans Jonas, *Le Principe de responsabilité*, Cerf, Paris, 1990.
- (7) António Branquinho Pequeno, *Genética e Morte Social*, Jornal "O Ribatejo", Santarém (10.02.00) e *Genética e Adopção*, Jornal "Grande Amadora" (06.01.00)
- (8) Jeremy Rifkin, *Le Siècle biotech, le Commerce des Gènes dans le meilleur des mondes*, La Découverte, Paris, 1988.
- (9) Isabel Stengers e Schlanger Judith, *Les Concepts scientifiques*, La Découverte, Conseil de l'Europe, Unesco, Paris, 1989.

#### Bibliografia geral

- Catherine Aubertin e Franck-Dominique Vivian, *Les Enjeux de la Biodiversité*, Economica, Paris, 1998
- Ignacio Ramonet, *Geopolítica do Caos*, Ed. Vozes, 1999, tr. port.
- Jacques Testart, *Le Désir du gène*, Flammarion, Coll. Champs, Paris, 1994.
- Jean Philippe Barde, *Economie et Politique de l' environnement*, PUF, coll. "L'Economiste", Paris, 1992
- Karen Lehman, *Libre Commerce ou Sécurité alimentaire?*, Le Monde Diplomatique, Paris, Nov 96.
- Les Biotechnologies à l'usage des riches*, Le Monde diplomatique, Paris, Março, 1999
- Lucien Sfez, *Ideologie des nouvelles technologies, Révolution dans la Communication*, Manière de voir, n° 46, Paris, 1999.
- Marc Laimé, *Os Novos Bárbaros da Informação "on line"*, Monde

Diplomatique, (Ed. port.), Julho, 1999.

Mc Luhan, (1962) *The Electronic age of implosion*, in "Media Research Technology, Art, Communication", Ed. Michel Moos, 1997.

Pierre Douzou, Gilbert Durand, Philippe Kourilsky e Gérard Siclet, *Les Biotechnologies*, PUF, Paris, 1983

Théo Colborn, Diane Dumanoski, John Peterson Myers, *Our stolen Future: are we threatening our fertility, intelligence and survival?*, Dutton, 1996. USA, tr. fr. sob o título *L' Homme en voie de disparition?*, Terre vivante, Paris, 1997.